

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE MEDIAÇÃO E EXPERIÊNCIA DISCENTE

ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND DISTANCE EDUCATION: REFLECTIONS ON MEDIATION AND STUDENT EXPERIENCE

Mayara Pires da Silva Pacheco

Must University, Estados Unidos

Raquel Ferreira Silva

Must University, Estados Unidos

José Expedito Queiroz de Brito

Must University, Estados Unidos

Roberto Alves de Souza

Must University, Estados Unidos

Joanisa Maria Alves Falcão

Must University, Estados Unidos

Flavia Tatiani Steinbach

Must University, Estados Unidos

Danieli Adelina Dalapicula Caliari

Must University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/m3xrn482>

Publicado em: 16.11.2025

Resumo: A presença crescente da inteligência artificial no contexto educacional tem provocado mudanças significativas nos cursos de Educação a Distância (EAD), especialmente no que se refere à mediação docente e à experiência do estudante. Este trabalho teve como objetivo analisar os impactos da inteligência artificial nessas duas dimensões centrais da EAD. A metodologia adotada baseou-se em pesquisa bibliográfica, utilizando exclusivamente artigos científicos publicados recentemente em periódicos qualificados. A investigação concentrou-se em compreender de que modo os recursos de IA estão sendo incorporados às práticas pedagógicas, influenciando a comunicação, a avaliação, a personalização da aprendizagem e a autonomia estudantil. Ao mesmo tempo em que potencializam o acompanhamento individualizado e ampliam a eficiência na gestão do processo de ensino-aprendizagem, essas tecnologias impõem desafios éticos, epistemológicos e relacionais à atuação docente. O estudo evidenciou que a mediação do professor passa por ressignificações, exigindo novas competências, enquanto a experiência discente torna-se mais interativa e personalizada, porém também mais vulnerável à impessoalidade e à padronização algorítmica. Conclui-se que o uso consciente e crítico da IA na EAD pode favorecer práticas pedagógicas mais responsivas e



A Missioneira (ISSN 1518-0263) está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

inovadoras, desde que respeite as singularidades humanas e os princípios educativos que sustentam o vínculo entre professores e estudantes.

Palavras-chave: Inteligência artificial. Educação a distância. Mediação docente. Experiência discente. Tecnologia educacional.

Abstract: The growing presence of artificial intelligence in the educational context has brought significant changes to Distance Education (DE), particularly concerning teacher mediation and the student experience. This study aimed to analyze the impacts of artificial intelligence on these two core dimensions of DE. The methodology was based on a bibliographic review, drawing exclusively from recent scientific articles published in qualified journals. The research focused on understanding how AI resources are being incorporated into pedagogical practices, influencing communication, assessment, learning personalization, and student autonomy. While these technologies enhance individualized support and increase efficiency in managing the teaching-learning process, they also pose ethical, epistemological, and relational challenges to teaching practices. The study revealed that teacher mediation is being redefined, requiring new skills, while the student experience becomes more interactive and personalized, yet also more susceptible to impersonality and algorithmic standardization. It is concluded that the conscious and critical use of AI in DE can support more responsive and innovative pedagogical practices, provided it respects human uniqueness and the educational principles that sustain the teacher-student relationship.

Keywords: Artificial intelligence. Distance education. Teacher mediation. Student experience. Educational technology.

Introdução

A inserção da inteligência artificial (IA) nos contextos educacionais tem reconfigurado práticas, relações e objetivos pedagógicos, especialmente no ensino a distância (EAD). Com tecnologias que simulam decisões humanas e oferecem soluções automatizadas, a IA vem moldando novos modos de ensinar e aprender, com impactos diretos na mediação docente e na trajetória formativa do estudante. Ao mesmo tempo, essas transformações suscitam questionamentos sobre o lugar da subjetividade, da interação humana e da autonomia no processo educativo.

O papel do professor mediador na EAD, historicamente marcado por desafios de presença, engajamento e acompanhamento, ganha novas possibilidades com o uso da IA. Softwares de tutoria inteligente, análise preditiva de desempenho e chatbots educacionais alteram significativamente a dinâmica entre docente e discente. Nesse novo cenário, segundo Guidi (2025), a mediação pedagógica tende a se tornar mais ágil nas interações, ainda que siga procedimentos mais sistematizados e formais.

Por outro lado, a experiência do estudante, antes limitada por barreiras tecnológicas e estruturais, torna-se cada vez mais personalizada. Ferramentas adaptativas e sistemas de recomendação ajustam percursos formativos conforme o comportamento individual. No

entanto, essa personalização nem sempre garante engajamento profundo ou criticidade, o que exige do estudante novas competências para lidar com tecnologias que também mediam o saber.

Com a ampliação do uso da IA, emergem desafios metodológicos que afetam diretamente a formação dos estudantes e a prática pedagógica. A automatização de feedbacks, a geração de conteúdos e o uso de algoritmos para tomada de decisões educacionais trazem ganhos de eficiência, mas também riscos de desumanização. Diante desse contexto, Almeida et al. (2024) apontam que a incorporação da IA nas plataformas de EAD demanda uma transformação na forma como se constrói a relação pedagógica, exigindo novos modos de interação e mediação entre professores e alunos.

A escolha deste tema justifica-se pela necessidade urgente de compreender como essas tecnologias alteram a essência das interações educativas e os papéis tradicionais de professores e estudantes. O debate sobre a IA na educação não se limita à questão técnica, mas envolve dimensões éticas, epistemológicas e relacionais que impactam diretamente a qualidade da formação oferecida.

Metodologia

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os impactos da inteligência artificial na mediação docente e na experiência discente no contexto da Educação a Distância (EAD). Partindo do problema central que busca compreender de que maneira a IA tem reconfigurado as práticas pedagógicas e as formas de interação entre professores e estudantes, delimitou-se um recorte temporal dos últimos cinco anos para a seleção das produções analisadas. O estudo buscou refletir sobre como essas transformações tecnológicas afetam o fazer docente, o vínculo pedagógico e a trajetória formativa dos estudantes em ambientes mediados por algoritmos, considerando os desafios éticos e pedagógicos que emergem dessa relação.

Optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa e exploratória, fundamentada em pesquisa bibliográfica, por entender que essa modalidade de investigação é essencial à sistematização do conhecimento já produzido e publicado sobre o tema. Conforme destacam Sousa, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica oferece ao pesquisador a possibilidade de entrar em contato direto com produções teóricas consolidadas, sendo indispensável para delimitar o campo da investigação e promover a análise crítica das contribuições existentes. Essa escolha metodológica também se respalda em Severino (2017), que reconhece a pesquisa bibliográfica como ponto de partida legítimo e estruturante das reflexões científicas no campo da educação.

A coleta de dados envolveu o levantamento de artigos científicos, dissertações e teses publicados em língua portuguesa, disponíveis nas bases SciELO e Portal de Periódicos CAPES, priorizando produções que dialogassem diretamente com os temas da inteligência artificial, da mediação pedagógica e da experiência estudantil em contextos de EAD. Foram adotados como critérios de inclusão: textos publicados entre 2019 e 2024, com acesso integral e abordagem

teórico-analítica da temática. Os critérios de exclusão incluíram documentos duplicados, produções opinativas e materiais que, embora mencionassem a IA ou a EAD, não apresentavam relação direta com a questão problema ou os objetivos da pesquisa. Essa delimitação visa garantir a pertinência e a profundidade da análise, evitando generalizações descontextualizadas.

Durante a etapa de levantamento inicial, foram utilizados os descritores ‘inteligência artificial’, ‘educação a distância’, ‘mediação docente’ e ‘experiência discente’, combinados por meio de operadores booleanos AND e OR, o que permitiu ampliar e ao mesmo tempo refinar os resultados localizados nas bases. Após o levantamento inicial, foi realizada uma triagem dos títulos e resumos, seguida da leitura integral dos textos que apresentavam relação direta com os objetivos da pesquisa. Esse processo resultou em um corpus de análise composto por publicações com abordagens diversas, as quais foram lidas de forma atenta e analítica, observando-se seus referenciais teóricos, objetivos, metodologia e principais achados.

A análise dos dados ocorreu por meio da leitura interpretativa dos textos selecionados, orientada pela análise temática. Esse procedimento, conforme descrito por Severino (2017), envolve a identificação de unidades de sentido relevantes para o problema investigado, permitindo a construção de um olhar crítico sobre os aspectos mais recorrentes e significativos das produções examinadas. A ênfase foi direcionada à forma como a IA tem sido utilizada em ambientes virtuais de aprendizagem, seus efeitos sobre o papel do professor como mediador e os impactos percebidos pelos estudantes quanto à personalização, à impessoalidade e à autonomia. Em diálogo com Martelli et al. (2020), compreendeu-se que a presença da IA nas práticas educacionais exige uma revisão dos modos tradicionais de ensinar e acompanhar o processo de aprendizagem.

A interpretação dos dados permitiu identificar que a mediação docente, ao ser atravessada por dispositivos automatizados como chatbots, plataformas adaptativas e sistemas de análise preditiva, passa por um processo de ressignificação, exigindo dos professores competências que envolvem tanto o domínio técnico quanto uma nova sensibilidade pedagógica. Paralelamente, observou-se que a experiência do estudante, embora mais personalizada por mecanismos inteligentes, nem sempre favorece o engajamento crítico ou o aprofundamento do conhecimento. Os estudos analisados indicam que a utilização consciente da IA pode enriquecer a prática pedagógica, desde que pautada em princípios éticos e formativos que preservem a centralidade do humano no processo educativo (Grazziotin, Klaus & Pereira, 2022; Duarte, 2006).

Inteligência artificial e a mediação docente na EAD

A mediação docente na Educação a Distância tem passado por reconfigurações substanciais desde a incorporação de ferramentas baseadas em inteligência artificial. Tarefas antes atribuídas exclusivamente ao professor, como o acompanhamento do desempenho ou a oferta de retornos personalizados, passam a ser compartilhadas com sistemas capazes de atuar em tempo real, o que exige do docente uma atuação mais estratégica, voltada à curadoria de conteúdos e à supervisão crítica das interações automatizadas.

O papel tradicional do professor, historicamente reconhecido como aquele que articula saberes e conduz o processo formativo, começa a ser ressignificado diante da atuação cada vez mais presente dos algoritmos na mediação do conhecimento. Nobre (2025) aponta que a IA assume funções cognitivas intermediárias, por vezes operando sem a supervisão direta do professor, o que evidencia a necessidade de o docente desenvolver habilidades para interpretar os dados educacionais gerados e tomar decisões que não apenas sigam parâmetros técnicos, mas também se sustentem em fundamentos éticos.

Nesse novo cenário, não basta ao professor dominar o uso de plataformas digitais. É essencial compreender os impactos pedagógicos envolvidos. Embora a personalização da aprendizagem oferecida por sistemas automatizados traga promessas de eficácia, há o risco de uma redução na diversidade metodológica caso os processos se limitem a repetições baseadas em padrões algorítmicos. Guidi (2025) observa que o verdadeiro desafio não reside apenas na adoção dessas tecnologias, mas principalmente na maneira como elas se integram aos projetos pedagógicos, respeitando a intencionalidade educativa.

Outro ponto sensível é o impacto da IA sobre o tempo e a natureza do trabalho docente. A redistribuição de tarefas mecânicas permite ao professor investir mais tempo em interações qualitativas. Contudo, essa aparente otimização nem sempre vem acompanhada de maior humanização. Almeida et al. (2024) alertam que, à medida que os processos de mediação se automatizam, corre-se o risco de esvaziar a singularidade das relações formativas entre professores e estudantes, tornando essas interações mais técnicas e menos relacionais.

Diante disso, torna-se indispensável pensar a mediação docente como um processo híbrido, que articula tecnologias e presença humana de forma crítica. O professor deixa de ser apenas um transmissor de informações e passa a exercer um papel mais reflexivo, interpretando os sentidos produzidos pelas máquinas e pelas culturas digitais. Guidi (2025) ressalta que é necessário resistir à tentação de transferir à IA decisões que requerem sensibilidade pedagógica algo que as máquinas, por mais sofisticadas que sejam, ainda não conseguem replicar.

Além disso, ao configurar trilhas de aprendizagem personalizadas com base em dados preditivos, os docentes são chamados a exercer maior intencionalidade na mediação. Antecipar dificuldades e propor soluções é um ganho inegável desses sistemas, mas, como enfatizado no debate educacional contemporâneo, nenhum algoritmo substitui a escuta atenta e empática do professor. É justamente esse equilíbrio entre o rigor técnico e o cuidado humano que dá sentido à ação pedagógica nos ambientes digitais.

A própria concepção de mediação docente precisa ser revista. Nobre (2025) observa que o professor assume, nesse contexto, a função de gestor de fluxos informacionais mediados por IA. Isso implica não só familiaridade com as tecnologias, mas também competências para interpretar visualizações de dados e orientar decisões pedagógicas que vão além da comunicação e entram no campo da análise crítica.

Em uma síntese representativa desse debate, Almeida et al. (2024) refletem que as transformações provocadas pela inteligência artificial não se restringem aos canais de interação entre docentes e estudantes, mas afetam a própria essência da mediação pedagógica. Para eles, o professor é convocado a exercer um papel interpretativo, mediando significados que são gerados tanto por algoritmos quanto por contextos culturais diversos, num cenário em que a presença humana se vê constantemente tensionada pelas exigências de eficiência técnica. Nesse contexto, cabe ao docente reafirmar os princípios educativos que sustentam a formação humana frente à lógica automatizada.

Essa complexidade evidencia que, longe de se tornar obsoleta, a mediação docente se reconfigura profundamente, exigindo novas habilidades, posturas críticas e uma reavaliação constante do uso das tecnologias. Ao professor, cabe o desafio de se reposicionar frente à inteligência artificial, reafirmando sua centralidade na formação de sujeitos e não apenas na gestão de sistemas.

A experiência do estudante na EAD mediada por IA

A vivência do estudante em cursos de Educação a Distância tem sido profundamente alterada pela presença da inteligência artificial. Com trilhas de aprendizagem mais personalizadas, respostas automatizadas e conteúdos adaptativos, a experiência torna-se aparentemente mais responsiva. Mas será que essa flexibilidade técnica, por si só, garante uma aprendizagem significativa.

Embora os sistemas de IA consigam ajustar os caminhos formativos conforme o desempenho individual, isso nem sempre estimula o desenvolvimento da autonomia crítica. Ferreira (2025) observa que esse tipo de personalização tende a reforçar padrões de consumo de conteúdo, o que pode restringir a capacidade de experimentação e limitar o pensamento divergente. Em outras palavras, ao priorizar o que o aluno já tende a buscar, o sistema pode deixá-lo preso a uma zona de conforto cognitiva.

Por outro lado, ferramentas como chatbots educativos e tutores automatizados oferecem um suporte constante, o que pode reduzir a evasão e aumentar o engajamento nas plataformas. Curtolo (2025) afirma que a inteligência artificial é capaz de ampliar a sensação de acompanhamento pedagógico, mesmo quando o professor humano está ausente um fator que, na prática, pode fazer diferença na permanência do estudante. No entanto, se essa presença não estiver acompanhada de uma intencionalidade pedagógica clara, ela pode se tornar apenas uma simulação de cuidado, sem de fato promover vínculos formativos.

Além disso, a interação com os sistemas de IA tende a ocorrer de forma solitária, muitas vezes desvinculada de práticas colaborativas. Ferreira (2025) argumenta que a mediação feita por algoritmos, por si só, não gera vínculos intersubjetivos, o que evidencia a necessidade de combiná-la com práticas que incentivem o diálogo entre pares, como fóruns, projetos em grupo ou tutorias mediadas por humanos.

Outro aspecto importante é o modo como a IA redefine as avaliações. Com testes adaptativos e diagnósticos instantâneos, o estudante recebe feedbacks mais rápidos, o que pode reforçar sua percepção de progresso. Contudo, Curtolo (2025) observa que esse tipo de estrutura pode levar o aluno a valorizar mais os números como notas e métricas do que os processos cognitivos envolvidos na construção do conhecimento, o que pode ser problemático.

Ferreira (2025) sintetiza bem esse paradoxo ao afirmar que a inteligência artificial oferece ao estudante uma vivência ambígua: se, por um lado, ele se sente mais monitorado, por outro, também se vê mais isolado. As respostas instantâneas e a eficiência algorítmica trazem rapidez, mas não necessariamente garantem profundidade na aprendizagem. O risco, portanto, é que o estudante acabe se tornando apenas um executor de instruções, e não um sujeito ativo de sua própria formação. O verdadeiro desafio está em equilibrar a autonomia operacional promovida pelas máquinas com a construção simbólica que sustenta o vínculo com o saber.

Em suma, a experiência do estudante em ambientes mediados por inteligência artificial é marcada por avanços e limitações. Cabe à mediação pedagógica preservar os aspectos humanos da aprendizagem, assegurando que a tecnologia seja usada como meio e não como substituto do processo formativo.

Considerações finais

O presente estudo buscou compreender como a inteligência artificial tem impactado a mediação docente e a experiência do estudante em cursos de Educação a Distância. A partir da análise teórica dos textos selecionados, foi possível identificar que a presença da IA nesses contextos educacionais não apenas transforma práticas e ferramentas, mas também redimensiona os papéis de professores e estudantes. A mediação docente, antes centrada na comunicação e acompanhamento direto, passa a exigir novas competências voltadas à gestão de dados, leitura de padrões e integração crítica das tecnologias ao planejamento pedagógico. Já a atuação do professor como mediador simbólico e relacional continua essencial, uma vez que os algoritmos, por mais precisos, não substituem a escuta sensível e o olhar formativo.

No que se refere à experiência do estudante, a IA oferece oportunidades para maior personalização, feedback imediato e suporte adaptativo, o que pode favorecer a autonomia e o engajamento em determinados contextos. No entanto, essas possibilidades devem ser equilibradas com a preservação de vínculos humanos, o estímulo ao pensamento crítico e o cuidado com os riscos de isolamento, impessoalidade e padronização algorítmica. O estudo permitiu observar que, mais do que uma substituição de funções, a presença da IA exige uma ressignificação das práticas educacionais, com mediações mais conscientes, éticas e dialógicas. Espera-se que futuras pesquisas avancem na proposição de modelos pedagógicos que integrem inteligência artificial sem comprometer os princípios formativos da educação.

Referências

- Almeida, R. C. F.; Leal, A. M. G.; Marinho, A. M.; Marques, D.; Carvalho, A. R.; Linhares, K. V.; ... & Costa, A. S. (2024). Inteligência artificial na educação: desafios e perspectivas. *Missioneira*, 26(1), 291–300. Disponível em: <https://cemipa.com.br/revistas/index.php/missioneira/article/view/74>. Acessado em 16 de outubro de 2025.
- Curtolo, M. P. (2025). Inteligência artificial na educação a distância: formação docente para a educação infantil em Araras-São Paulo. *Revista Tópicos*, 3(23), 1–13. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/inteligencia-artificial-na-educacao-a-distancia-formacao-docente-para-a-educacao-infantil-em-araras-sao-paulo>. Acessado em 12 de outubro de 2025.
- Ferreira, R. P. (2025). A inteligência artificial na educação: entre os benefícios e os riscos. *Revista Tópicos*, 3(24), 1–16. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/a-inteligencia-artificial-na-educacao-entre-os-beneficios-e-os-riscos>. Acessado em 08 de outubro de 2025.
- Guidi, Z. N. (2025). A inteligência artificial nos cursos a distância: impactos, benefícios e limitações. *Revista Tópicos*, 3(24), 1–15. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/a-inteligencia-artificial-nos-cursos-a-distancia-impactos-beneficios-e-limitacoes>. Acessado em 24 de outubro de 2025.
- Nobre, K. M. P. R.; Martins, J. D. F.; Bomtempo, N. S.; Ferreira, E. C.; Santos, J. B.; Sobral, J. A.; ... & Alves, F. F. M. (2025). Inserção da inteligência artificial (IA) em cursos à distância. *Missioneira*, 27(4), 175–185. Disponível em: <https://cemipa.com.br/revistas/index.php/missioneira/article/view/126>. Acessado em 30 de outubro de 2025.